



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de assinatura do Pacto Federativo do programa Territórios da Cidadania, lançamento do programa Bolsa Formação e do Programa Habitacional para Agentes de Segurança Pública, lançamento dos projetos Farol, da Ferrovia Leste-Oeste, da Via Expressa Portuária e do PAC Habitação e Saneamento na Bahia**

**Salvador – BA, 09 de maio de 2008**

Companheiros e companheiras, enquanto a Dilma, o POC e o Alfredo acertam as medidas provisórias, me permitam cumprimentar o nosso querido companheiro Jaques Wagner, nosso querido governador. A nossa querida companheira Maria de Fátima, primeira-dama. E dizer para vocês que ontem eu tive o privilégio de jantar com a Dilma, lá, comi um bacalhau que acho que nunca tinha comido igual.

Cumprimentar os companheiros ministros, a companheira Dilma, o companheiro Alfredo, o companheiro Guilherme Cassel, o companheiro Adilson, o companheiro Geddel, o companheiro Tarso Genro,

Cumprimentar o nosso prefeito de Salvador, companheiro João Henrique,

Cumprimentar os nossos senadores. Acho que um já foi embora, o João Durval foi embora, que está em Feira de Santana, merecidamente, porque faz aniversário. Fez ontem, mas vai comemorar hoje. O César Borges.

Cumprimentar os companheiros deputados que estão aqui. E dizer que eu devo – e é importante que a gente faça um reconhecimento – por mais que, muitas vezes, apareça nos meios de comunicação briga entre Poder Executivo e Poder Legislativo, a verdade é que eu vi o presidente Bush, um dia desses, dando uma entrevista, na Casa Branca, se queixando que o Congresso americano não aprovou nenhuma lei dele. E eu não posso dizer o mesmo



porque, apesar do barulho da oposição, nós aprovamos 99% de todas as coisas que nós quisemos aprovar. Então, eu só posso ser agradecido aos deputados, aos senadores e ter consciência de que o PAC foi aprovado com uma rapidez extraordinária no Congresso Nacional, e é por isso que nós estamos transformando o PAC em realidade.

Agradecer aos companheiros prefeitos que estão aqui. E eu quero passar para a história como o Presidente da República que nunca perguntou a um prefeito a que partido ele pertence, para poder conversar com ele. Eu duvido que algum prefeito deste País – e temos obras do PAC em mais de 5 mil municípios – eu duvido que algum, algum dia, tenha ouvido de algum ministro meu, que para receber o dinheiro do PAC ele deveria pertencer a esse ou àquele partido político.

Eu nasci com uma formação política democrática e republicana, e quero morrer com a minha formação e com a minha convicção democrática e republicana. As pessoas têm que ter as coisas porque têm direito de ter as coisas, não porque são amigas do Presidente. As pessoas não têm direito às coisas, não porque o Presidente não goste delas, mas porque elas não têm direito de ter as coisas.

Dizendo isso, eu queria dizer para o companheiro João Henrique... Eu, depois que vi os companheiros levantando uma camiseta aí, falei com o companheiro João Henrique. Tem uma situação que é importante o público conhecer, porque senão a gente faz uma coisa errada... Os companheiros aí, eu não sei se são chamados de mata-mosquitos... Eu sei...e que o Ministério Público exigiu que o prefeito fizesse um concurso, como tem exigido em vários lugares do Brasil. Fizeram um concurso, alguns companheiros passaram, outros não passaram. E, quando não passa, o Ministério Público começa a exigir que dispense os companheiros. Nesse caso, os companheiros entraram com recurso. A alegação dos companheiros é que o concurso tinha algumas exigências acima da qualificação da função que eles vão fazer. Esses



companheiros entraram com um pedido de um novo concurso, o Ministério Público está querendo um novo concurso. Falei com o companheiro João Alfredo. Ele vai fazer um novo concurso e as pessoas...

Enquanto isso, companheiros, se vocês não prestarem atenção, vocês vão levar só meia informação para casa e não é bom. Enquanto isso, os companheiros vão continuar trabalhando. É importante que as perguntas, o questionário do concurso, não sejam para médico, quando a gente está querendo apenas alguém para matar mosquitos. Essa coisa, João Henrique, acontece em todas as cidades brasileiras. Eu lembro um tempo, quando o Paulo Freire era secretário de educação, em São Paulo, e foi fazer concurso para faxineira, ou seja, o que você tem que saber? Se a pessoa sabe varrer, sabe fazer limpeza. Nada mais do que isso. Você não vai dar um teste cheio de perguntas difíceis para uma pessoa que tem uma determinada função. Então, nós temos que criar as condições de aproveitar os companheiros, porque o básico que nós precisamos é o companheiro saber evitar que o mosquito da dengue nasça, porque se ele nascer, já vira doença. Obrigado, prefeito João Henrique e parabéns a vocês.

Segundo, vocês agora podem almoçar, porque já ganharam o dia. Eu e todos aqui, eu ali sentado... Vocês sabem que é duro, quando a gente está habituado a falar, a gente fica falando e não sente fome. Mas, quando a gente está sentado, ouvindo os outros falar e a lombrigas mexendo dentro da barriga, disputando a comida... E o Wagner não ofereceu nem um lanche para a gente, com a quantidade de dinheiro que recebeu aqui. Rapaz, a quantidade de milhões que foi anunciado aqui, eu falei: Bom, a hora que a gente... vai ter alguma coisa para comer. Não sei se vocês viram o companheiro Alfredo gesticulando durante uma meia hora, desde que ele falou, pedindo apenas um copo d'água. E nós falamos, aqui, em tratamento de bilhões de litros d'água e não sei das quantas, e o coitadinho quase morre de sede, aqui na mesa, por causa de um copo d'água. Mas isso faz parte do jogo.



Depois, companheiros, nós estamos com um pequeno problema. Eu sei que aqui tem muitos prefeitos, muitos secretários, então eu posso dizer o que eu vou dizer aqui: nós estamos atrasados. A essa hora, era para a gente estar começando o nosso ato em Ilhéus. Portanto, a Dilma é mãe, ela tem que chegar em São Paulo e ir para Porto Alegre ainda hoje. Cada marido vai ter que ir para casa, porque o dia da mãe, a gente não pode nem pensar em não estar em casa com a família. Então, nós vamos ter que nos retirar um pouco mais cedo. Eu vou, aqui, ser muito sucinto, porque tudo que tinha que falar do PAC já foi falado por todos os companheiros que me antecederam.

A única coisa que eu quero dizer para vocês é o seguinte: todo esse dinheiro que foi contratado hoje, aqui, nós precisamos agora ter a capacidade de transformar esse dinheiro em obras. E nós sabemos que entre você aprovar o projeto, assinar o contrato e começar a trabalhar, tem uma distância muito grande. Porque o marco regulatório que a gente tem que vencer para fazer uma obra, é muito grande. Você tem que fazer projeto executivo da obra e, muitas vezes, as prefeituras não estão preparadas. Quando você termina o projeto executivo, você precisa de um licenciamento prévio para fazer, e nem sempre o meio ambiente trabalha com o tempo que o prefeito precisa e as necessidades do povo. Quando vocês têm tudo isso pronto, às vezes alguém do Ministério Público entra com uma ação e aquilo fica paralisado na Justiça por um determinado tempo. Às vezes, o Ministério Público não cria caso, mas o Tribunal de Contas do Estado cria um caso, a obra fica parada. Às vezes, o prefeito não entrega os documentos na hora certa. Às vezes, a Caixa Econômica – de onde foi embora a Maria Fernanda, mas está aqui o nosso companheiro vice-presidente da Caixa Econômica, que não está aqui, mas está ali, o Jorge Hereda – às vezes, o tempo da avaliação da Caixa Econômica é muito exigente e demora um pouco, porque se o funcionário da Caixa não for exigente e ele der autorização em um projeto que tenha erro, ele é processado, os seus bens são disponibilizados, e ele tem que contratar advogado por conta



própria, porque ninguém contrata advogado para ele.

Depois que está tudo pronto, você faz a licitação. Aí, na licitação, parece que a obra vai começar no dia seguinte, aí você começa a licitação, tem dez empresas, uma ganha, nove perdem, uma entra com uma ação, fica mais meses parada essa obra.

Então, por isso que nós criamos uma coisa chamada “conselho gestor”: Conselho Gestor Nacional, conselho gestor em cada ministério, conselho gestor em cada estado, conselho gestor em cada município, conselho gestor em cada empresa pública, para que a gente, quase que em tempo real, colocando em prática a transversalidade, ou seja, colocar todo mundo em uma mesa ao mesmo tempo, para a gente tentar resolver os problemas conjuntamente, para ver se as obras saem neste País.

Porque o dilema no Brasil, é que, muitas vezes, os governantes, os que vieram antes de mim e os que virão depois de mim, todos querem fazer obras, todos querem fazer alguma coisa. Mas, às vezes, você anuncia uma obra, termina o mandato e ela não aconteceu.

Hoje eu disse, no Gasene: o Gasene foi a única obra, no meu governo, que eu coloquei em votação. Estavam presentes a Dilma Rousseff, o Jaques Wagner, o Palocci, o José Dirceu, o Gushiken, tinha lá um grupo de ministros. Era uma questão quase que ideológica, já tinha quase que contrato feito com japoneses, e nós queríamos estabelecer uma relação estratégica com a China. E eu falei: não, vou colocar em votação. Imagina o Presidente da República colocar em votação. Só que ganhou aquele que eu queria, que era a China. Ganhou, com o voto contra de alguns companheiros, que preferiam o Japão. Mas entre a gente fazer aquela votação, decidir fazer o Gasene – que é um investimento de 3 bilhões de reais – demorou 3 anos e meio. Hoje eu fui lá, assinar.

Todo mundo sabe a quantidade de escolas que nós vamos fazer aqui. Escolas técnicas, historicamente a Bahia teve nove. Nós vamos fazer 12 novas



escolas técnicas aqui neste estado. Nós vamos fazer extensões universitárias que eu não sei quantas, mas são bastante extensões universitárias. Mas tudo isso que a gente vai fazer é pensando de que esse momento de crescimento da economia do Brasil, esse momento de ajuste de conta do Brasil com o seu povo, do Estado brasileiro com o seu povo, ele só tem sentido se o rico subir um degrau e o pobre subir um degrau junto ou subir dois, ele tem que recuperar o tempo perdido. Então, quando eu vejo um companheiro vir aqui receber uma casa do ministro Tarso, receber um cartãozinho para um auxílio bolsa e ainda dizer que é do ProUni, é tudo que me enche o coração, a alma e a consciência de alegria, porque é tudo que eu quero na vida é que o povo tenha oportunidade para poder vencer da forma mais extraordinária possível em sua vida.

O que nós estamos fazendo aqui, eu demorei, companheiro Jaques Wagner, 40 dias para vir aqui. Eu sei que tinha reclamação: “Não, porque o Lula vai a Pernambuco e não passa aqui. Porque o Lula vai ao Ceará e não passa aqui; porque o Lula vai a Sergipe e não passa aqui; porque o Lula vai a Alagoas, que é até governada pelo PSDB, e não passa aqui. Ele é tão amigo do Jaques Wagner, por que ele não vem ver o seu amigo? E por que não sei das quantas e vai por aí... Vai para São Paulo todos os dias, vai para o Rio de Janeiro todos os dias, vai para Minas todos dias, vai para o Rio Grande do Sul”. Eu já fui em todos os estados do PSDB. O PFL, só tem um em Brasília, já fui lá inaugurar obras, dar dinheiro. E os meus companheiros do PT e do PMDB vão ficando para trás. Agora, por que eu demorei em vir aqui? Porque eu não queria vir aqui apenas anunciar as obras de saneamento básico.

Eu discuto essa questão da ferrovia com o Wagner desde quando nós lançamos a Transnordestina. Essa questão cacauera, nós estamos há mais de oito meses! É importante lembrar: muita gente, até o próprio senador Antônio Carlos Magalhães, quando era vivo, queria negociar esse negócio do cacau. Nós tínhamos um dívida grande para negociar, uma dívida de 76 bilhões de



reais com os agricultores brasileiros, grandes e pequenos, que há mais de 20 anos queriam negociar. Nós fizemos uma negociação e vai, na semana que vem, uma medida provisória para o Congresso Nacional. Foi uma negociação que eles jamais imaginavam que pudesse acontecer entre pequenos, grandes e médios. E nós deixamos o cacau de fora, porque o cacau, era preciso que houvesse um passo a mais do que o acordo feito pelo conjunto da agricultura, pelo grau de deteriorização que o cacau tinha sofrido neste País. Então, era preciso construir um bom projeto. Surgiu a idéia de fazer uma combinação entre a produção de seringa e, embaixo dela, plantar o cacau, para aproveitar o sombreamento da seringa e, do lado, plantar o dendê para a Petrobras fazer uma grande fábrica de biocombustível aqui e a gente produzir biodiesel de dendê. Então, eu tinha que construir isso para poder vir aqui e anunciar um conjunto de obras que vão algumas começar esta semana, como já foi ordem de serviço, outras, vão demorar um mês ou dois meses, porque foi assinado o contrato e vai ter que ter licitação e outras vão demorar um ano, porque é preciso construir todo o arcabouço para que a gente tenha essa obra construída como, por exemplo, a ferrovia. Nós queremos interligar o Brasil por ferrovia. Nós haveremos de, um dia, fazer o jogo combinado de um sistema intermodal, em que a gente aproveite os 100% das estradas, os 100% das ferrovias e os 100% das hidrovias a que nós temos direito, porque, como obra de Deus, ele nos deu as condições de termos isso.

E isso significa, companheiros... Tem gente que me criticou, quando eu falei que ia fazer a Transnordestina, ligar o Porto de Suape ao Porto de Pecém, passar em Eliseu Martins, passar em Alagoas, mas logo, logo, ligar o Rio Grande do Norte à Paraíba. E, depois, fazer essa Leste-Oeste, ligando lá na cidade... de onde, Alfredo, que você falou aqui? Alvorada, em Tocantins, fazendo a interconexão – gostou, Geddel? – interconexão entre a Ferrovia Norte-Sul, a Leste-Oeste e a Transnordestina.

Para quê? Porque o Brasil ficou defasado. O Brasil jogou fora um



patrimônio que ele já tinha construído. Quando nós começamos a recuperar a ferrovia brasileira, nós não tínhamos mais fábrica de trilho. Trilho! Um país que tem a quantidade de minério de ferro que nós temos!

Nós, agora, estamos tão ousados, Imbassay, depois que nós viramos Investment Grade – chique, não é? – depois que nós viramos isso... Mas eu já era metido antes de virar isso. Eu já era, porque não precisava disso para as pessoas saberem que o Brasil é sério, não. Nós pagamos a nossa conta do FMI, pagamos o Clube de Paris, temos mais reservas do que a nossa dívida. As exportações estão crescendo, as importações também estão crescendo.

Nós, segunda-feira, vamos lançar, no Rio de Janeiro, no BNDES, o mais importante programa de política de desenvolvimento deste País. Durante 20 anos se discutiu se deveria ter política industrial ou não, nós vamos fazer política industrial. Dentro da política industrial tem uma forte tendência à política regional. Dentro dela, tem uma forte tendência a valorizar as exportações brasileiras, para que a gente tenha sempre um resultado de balança comercial correto.

Pois bem, tudo isso tem que funcionar da forma mais harmônica possível. Tudo isso. Cada vez que um companheiro prefeito recebe uma quirelinha de dinheiro, e sinto muito orgulho de olhar na cara de cada prefeito e dizer, sem saber quanto ele recebeu dos outros: eu duvido que o ex-prefeito Imbassay tenha recebido, do seu antigo aliado, metade do dinheiro do governo federal que o João Henrique já recebeu, nosso. Eu duvido que o Mário Covas tenha recebido do Fernando Henrique Cardoso 30% do que eu já dei para o José Serra. Duvido que o Kassab, que é prefeito do Democratas, tenha recebido alguma coisa perto do que nós estamos dando para o PFL ou para o César Maia, no Rio de Janeiro.

Por quê? Porque nós precisamos construir uma nova lógica de gerenciamento administrativo neste País. A gente tem que ter a disputa eleitoral de forma civilizada, em que a gente disputa, quem ganhou, ganhou.





Agora, o que não pode é quem perdeu ficar tentando atrapalhar quem ganhou governar, criando dificuldades, criando obstáculos.

Como é que a pessoa passa o tempo inteiro, em uma campanha, prometendo para o povo que vai fazer o bom para ele, aí o outro ganha, ele fica trabalhando contra para prejudicar o prefeito quando, na verdade, o prejudicado é o povo, que não vai receber as obras.

Quando é que nós vamos ter juízo e maturidade para entender que a política não é a arte da desavença? A política pode ser a arte da confluência, do consenso, da maturidade. Vocês viram no Senado, me derrotaram, na CPMF, achando que fui eu quem perdeu. Tinha pessoa que dizia: “É, nós vamos tirar 120 bilhões dele até 2010. Eu quero ver o que vai acontecer.” Ora, para mim não vai acontecer nada. Eu tenho plano médico, eu pago. Eu quero saber é do povo pobre que teve 40 bilhões a menos na Saúde. Eu quero saber dos 16 estados brasileiros que não podem pagar sequer os 12% que estão na Constituição. Eu quero saber quantos coitados de prefeitos podem cumprir a Constituição e pagar o que está previsto para ele colocar na Saúde. Então, as pessoas acharam que me prejudicaram. Não prejudicaram, não me causaram um arranhão, uma vírgula. O mais eloquente deles, eu tive 84% no estado dele, ele teve 4%. As pessoas precisam aprender que não é por um gesto de vingança ou de arrogância que eu vou prejudicar os que não estão no debate, aqueles que precisam da gente. E aquele que mais precisa da gente não pode nem vir ao ato, fazer um protesto. Está lá, na periferia, não pode ir a Brasília, não pode reivindicar. É para essa gente que nós temos que governar se a gente quiser tornar este País mais justo. Não basta a economia crescer.

Eu conheço país aqui, na América Latina, que cresce a 7%, 8% já há uns 10 anos, entretanto, a pobreza continua a mesma. O Brasil cresceu 14%, na década de 70 e não houve distribuição de renda. Ora, nós precisamos saber que nós somos eleitos para governar para a parte mais pobre. Nós governamos para todos, mas a parte mais pobre tem que ter a nossa



preferência para que ela deixe de ser pobre. Quando ela deixar de ser pobre, ela vai virar consumidora. Quando ela virar consumidora, ela vai comprar, a empresa vai produzir, o mercado vai vender, vai ter mais um emprego, mais um salário, mais um consumidor.

A Fátima me dizia: “Aqui na Bahia foi feita uma pesquisa há um tempo, no shopping center aí, 80% das pessoas que compravam eram da classe A e B”. Agora, fizeram uma mais recente, a classe C cresceu 30%. Eu dizia para a Fátima: eu lembro, Fátima, o meu filho caçula está com 23 anos, quando ele era pequeno, passavam aquelas mulheres vendendo danoninho, a gente só tinha dinheiro para comprar para o caçula e era uma desgraça. Quem é mãe e pai sabe, você comprar um danoninho, um filho de 10 anos pedir, e você falar: “eu não vou dar, não, é para o rabugento menor”. E hoje as pessoas mais pobres estão tendo o direito de comprar coisas que antes eram proibidas para elas. Nós temos essa obrigação, e não é uma obrigação do presidente Lula, não é uma obrigação do governador Jaques Wagner, é uma obrigação nossa, enquanto cidadãos.

A questão da dengue. As pessoas ficam achando que é o presidente da República que vai ter que comer os mosquitos da dengue. Aí, acham que é o governador, acham que é o prefeito. Ora, aí não tem presidente, não tem governador, não tem prefeito. A questão da dengue é uma questão de cada cidadão. Da mesma forma que ele toma banho de manhã, da mesma forma que ele escova os dentes de manhã, da mesma forma que ele bota o sapato de manhã, ele tem que saber se tem água parada no seu quintal, jogar fora, para que o mosquito não bote larva. Porque a gente não tem que esperar o mosquito nascer para matar, porque ele mata a gente primeiro do que ele. É preciso a gente evitar que ele nasça. Então, se cada um cuidar da sua casa, numa rua todos cuidarem da sua casa, não fica uma rua sem ser cuidada. Se todos os bairros cuidarem da sua casa, você já tem o bairro cuidado. Numa cidade, num estado e no País.



Mas, no Brasil, nós ficamos sempre um achando que é o outro que tem que fazer. Na questão da dengue, não é o outro. Às vezes, minha mãe dizia: “o macaco senta em cima do rabo e fica olhando o rabo dos outros”. A verdade é que, muitas vezes, a gente está fazendo discurso, tudo bonitinho, contra a dengue, e na casa da gente está lá uma poça d’água, à espera de um casal que faça o seu acasalamento “mosquitório” e coloque a sua larva lá e gere um mosquitinho para picar uma pessoa.

Por isso, companheiro Jaques Wagner, quero lhe dizer que saio da Bahia, hoje, com a alma lavada. Eu sou cidadão baiano. Soteropolitano. Eu já disse, no Teatro Castro Alves, há mais de 10 anos, que a minha afinidade com o povo da Bahia, o jeito com que eu sempre fui tratado aqui, o jeito feliz do povo da Bahia, o jeito alegre. Olha o sorriso dessa senhora, que coisa bonita! Eu sempre disse, Dilma, que em algum momento, em outra encarnação, eu devo ter nascido em algum lugar da Bahia. Devo ter nascido aqui, porque a minha identificação é muito grande.

Companheiro Jaques Wagner, tudo o que nós assinamos aqui – a Dilma é a mestre lá em Brasília, a Eva parece que é a sua mestre aqui – é preciso, Eva, ter cuidado, porque um documento que atrasa uma semana, atrasa uma obra um mês. É preciso não deixar atrasar, é preciso ir atrás do prefeito, é preciso ir atrás do secretário, porque é uma desgraça. Para construir uma coisa demora um século, para destruir, uma mentira destrói, uma ação destrói.

Então, gente, o Brasil vive um momento muito especial da sua história. O Brasil nunca teve um momento de auto-estima como tem agora, sem que a gente precise fazer uma musiquinha: “Eu te amo, meu Brasil, eu te amo...” não precisa fazer. A auto-estima é a esperança que voltou a iluminar a alma e a consciência desse povo extraordinário.

Portanto, meus companheiros e companheiras, vamos fazer com que essas obras... Companheiro Wagner e prefeitos, não permitam que o processo eleitoral atrapalhe as obras. Wagner, você sabe que tem estado que eu tenho



que ir e tem um que pede: “Não vá lá, Presidente, porque não sei das quantas. Não vá lá...” As pessoas querem até que a gente não vá lançar obra. Tem gente morando na miséria e as pessoas não querem que vá: “Espere passar as eleições, Presidente”. Como é que pode? Esperar seis meses, com o povo necessitando do dinheiro e do investimento.

Então, é preciso que todos nós tenhamos grandeza. Eu digo sempre, Wagner, que eu agradeço a Deus. Eu perdi três eleições. Não é fácil você voltar para casa, depois de uma derrota e ficar lambendo as suas feridas, como dizia o nosso querido Brizola. Não é fácil. Porque político sem mandato neste País, nem vento bate nas costas. É verdade. Quando você tem mandato, você tem puxa-saco de magote. Quando você não tem mandato, o cara te vê em uma calçada, passa para a outra, porque ele acha que você vai pedir um empréstimo ou pedir para pagar a dívida da derrota dele. Então, eu sou um cara agradecido, porque a derrota não me deixou mágoas. Eu nunca fiquei com mágoa do Collor, nunca fiquei com mágoa do Fernando Henrique Cardoso. Eu achava que era um processo que nós tínhamos que superar. E, graças a Deus, nós superamos e, graças a Deus, nós ganhamos e, graças a Deus, a gente pode provar que o Brasil poderia estar muito melhor se a gente tivesse coragem de fazer as coisas simples que estamos fazendo. Não tem nenhum milagre, ou seja, é anunciar dinheiro e fazer ele parir, ali na hora, o resultado das coisas que você quer.

Por isso eu acho que, todos os elogios que fizeram aqui para a Dilma são importantes. Agora, Dilma, relativize isso, viu? É importante, porque eu sei o que é. Eu sei o que é tomar uma decisão no governo e, depois de três meses, sair pelo Brasil anunciando: “fizemos tal coisa”. Aí, quando eu chego no estado: “companheiro, chegou o dinheiro aqui?”. “Não, não chegou, Presidente, parou.” “Parou por quê?” Porque a Caixa fez isso, porque o Banco do Brasil fez aquilo, porque o BNDES fez aquilo, porque... É assim que as coisas funcionam. Não é isso? Então, o PAC está nos ensinando a mexer direitinho com a



máquina administrativa. Nós ainda temos uma revolução para fazer, que é mudar algumas coisas, eu acho. A Lei de Licitação não pode continuar do jeito que é, é preciso mudá-la para facilitar as coisas. Sabe por quê? Porque no Brasil se parte do pressuposto de que todo mundo é ladrão, então se cria a dificuldade. Mas a dificuldade não resolve nada, vejam quantos desvios que tem. É preciso que haja um pouco de disposição nossa.

Eu estou convencido de que a gente precisa... Hoje, por exemplo, o Tribunal de Contas da União, na verdade, ele quase que governa o País, porque ele diz que obra que pode, que obra que não pode. Ele é um órgão auxiliar do Congresso Nacional e não... O Ministério Público tem um papel importante, e não é culpa dele, foi nós que demos. Então, nós precisamos ver o que é bom para este País, o que pode facilitar a vida deste País, o que pode permitir que as coisas sejam mais ágeis.

Eu vou contar para os prefeitos a última novidade aqui. Nós aprovamos o PAC. Aprovamos o PAC, e aí eu estou em uma reunião, um belo dia, o ministro Guido Mantega e o ministro Paulo Bernardo falam assim para mim: “Presidente, nós temos...” Como é o tal de Cauc? Ou seja, os estados que fizeram acordo conosco não podem pegar dinheiro porque tem o negócio do Cauc. O cara que está devendo para a Previdência Social, para o governo federal, às vezes o cara deve hoje, amanhã não deve, depois deve amanhã. Todo dia, ele sobe e desce no ranking do Cauc. Eu falei: “Guido, não é possível, eu estou há mês andando por este País anunciando o PAC, agora você vem me dizer que tem um tal de Cauc. Tira esse inferno desse Cauc e vamos liberar as obras do PAC”.

Então, eu queria pedir a compreensão dos prefeitos, dos secretários, eu quero pedir a compreensão da Eva, sobretudo, do Jaques Wagner, que fiscaliza com a Eva, para a gente fazer as coisas andarem, o Brasil precisa. E também pedir aos prefeitos: pelo amor de Deus, quando vocês contratarem uma empresa para fazer uma obra do PAC na cidade de vocês, conversem



com a empresa para não levar trabalhador de fora, contratem o trabalhador da cidade, para a gente ir formando mão-de-obra qualificada.

Então, o que eu posso terminar dizendo para vocês? Que Deus nos abençoe. E vamos para Ilhéus agora.

Um abraço, companheiros e companheiras.

(211A)